

A INCIDÊNCIA DE DOENÇAS DA SERINGUEIRA NO MUNICÍPIO DE JALES-SP

Antonio Augusto Fracaro¹

Marcos Rogério Fação²

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Galbiati Neto e Guglielmetti (2012), a seringueira é uma planta nativa da bacia hidrográfica do rio Amazonas, dela se extrai o látex que dá origem a vários subprodutos, e tem bom aproveitamento em substituição aos combustíveis fósseis, no caso o petróleo.

Segundo o IAC (2012), a produção de borracha brasileira é de aproximadamente 105.000 toneladas, o Estado de São Paulo contribuiu com 51.450 toneladas, ou seja, 49% da produção nacional, seguido dos Estados de Mato Grosso com 22.500t (22%), Bahia com 9.500t (10%), Espírito Santo com 6.000t (7%) e os demais estados com 12.000 t (11%).

A Borracha trouxe muita riqueza e prosperidade no século XIX para a região Amazônica. Uma das expressões desse status que o ciclo da borracha proporcionou foi a construção do Teatro Amazonas, este teve em torno das suas ruas calçadas de borracha, para que as carruagens não interferissem nos seus espetáculos (GALBIATI NETO; GUGLIELMETTI, 2012).

O avanço na exploração da seringueira na Amazônia estimulou o crescimento demográfico da região, em 1830, a população de Manaus era de 3000 habitantes graças à chegada de pessoas para trabalhar na colheita da seringueira em 1880, passou a 50000 habitantes.

Em 1875 o botânico inglês Henry Wickham a serviço do Império Britânico coletou sementes no vale do Tapajós e levou para o Jardim Botânico Inglês. Posteriormente esse material foi levado para suas colônias na Ásia, principalmente na Malásia, onde houve uma disseminação muito rápida do plantio e a produção

1 Professor Doutor da Faculdade de Tecnologia de Jales “Professor José Camargo”.

E-mail: antonio.fracaro@fatec.sp.gov.br

2 Discente da Faculdade de Tecnologia de Jales “Professor José Camargo”.

E-mail: marcos.facao@hotmail.com

superou a do Amazonas. O que acarretou em um esvaziamento econômico da região e consequentemente uma decadência econômica (MARQUES, 2000).

Em 1927 o empresário americano Henry Ford adquiriu um terreno às margens do Rio Tapajós, seu intuito era uma produção própria de borracha para atender a fabricação de seus carros, que estavam sendo produzido em grande escala, precisando de muitos pneus para atender a demanda. O departamento de comércio americano fez um estudo e mostrou a viabilidade do investimento, logo Henry teve a oferta de um grande produtor rural, Jorge Dumont Villares, para adquirir as terras e assim concretizar o seu empreendimento (GALBIATI NETO; GUGLIEMETTI, 2012).

Henry construiu uma verdadeira cidade americana na Amazônia com toda infraestrutura capaz de atender suas expectativas, introduzindo a cultura americana de trabalho e alimentação típica, isto ocasionou alguns conflitos entre os trabalhadores que não aceitaram a imposição. O problema maior foi o ataque do fungo “Mal das Folhas”, a doença se propagou facilmente devido ao plantio muito próximo entre as plantas e dizimou as plantações. Em uma última tentativa Henry levou o plantio para outra região em Belterra, o que também foi em vão. Com o aparecimento da borracha sintética em 1945, o empreendimento não tinha mais razão de existir e foi cancelado por Henry Ford II. Em um acordo o governo brasileiro pagou uma quantia de reembolso e ficou com toda a estrutura construída em troca (MARQUES 2000).

Atualmente, o Estado de São Paulo é o maior produtor brasileiro de Borracha, devido as boas condições climáticas e ao bom retorno financeiro que o látex proporciona, lembrando que o Brasil só produz 35% da Borracha que consome (APABOR, 2014).

Devido ao aumento do cultivo da seringueira, percebe-se o aumento da incidência de doenças e distúrbios fisiológicos, o qual despertou o interesse em analisar o conhecimento dos produtores em relação as ameaças que atacam o seringal e afetam a produção de látex.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Município de Jales-SP. Foi utilizado 20 árvores para observar a incidência doenças como antracnose e fungo do painel por propriedade, num total de vinte propriedades pesquisadas no município. A identificação realizou-se de forma visual (devido o conhecimento Técnico). Em cada propriedade vinte árvores foram analisadas, caminhando em zig-zag pré-determinado, foi possível observar as árvores em pontos diferenciados dentro do seringal, assim obteve-se uma boa representatividade garantindo uma coleta de informações segura. Após a coleta das informações foi tabulado e montado gráficos para facilitar a análise e visualização dos resultados da pesquisa.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A borracha tem grande demanda no mercado mesmo em período de crise, devido a alta procura pela sua matéria prima. Seu produto tem compradores certos (usinas) e mercado com compra garantida (APABOR, 2014).

Porém, as doenças de painel de seringueira são de difícil controle devido a atividade de exploração intermitente resultar em ferimentos na casca seguido da inoculação dos fitopatógenos, quase sempre, presentes na faca de sangria. Contudo, a não adoção de medidas de controle implica em diminuição da produção devido aos danos causados pelos fitopatógenos ao painel (FURTADO et al., 2001).

Um dos grandes problemas da cultura da seringueira e proliferação de doenças, relatado por Galbiati Neto e Guglielmetti (2012), como o fungo ***Ceraticystis fimbriata***, causador da doença conhecida por Fungo do Painel. Os primeiros sintomas observados no painel de sangria são pontuações marrom-claras, encharcadas, recobertas por micélio branco, localizadas próximas à área de corte. Passados de 3 a 4 dias, verifica-se o aparecimento de lesões grandes, escuras, com presença de tecido necrosado e amolecido. Podem aparecer, também, nesta fase, rachaduras na casca em regeneração, com escorrimento de látex.

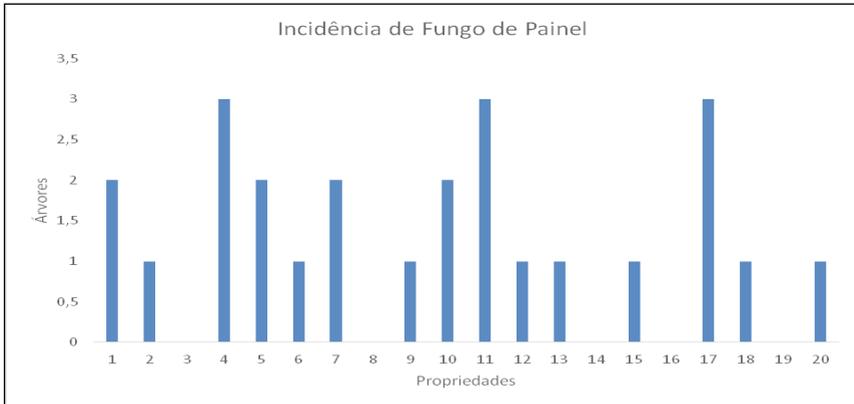
Outra doença comum na seringueira é a Antracnose, causada pelo fungo pertencente à espécie ***Colletotrichum gloeosporioides*** penz (GALBIATI NETO; GUGLIELMETTI, 2012).

Os sintomas se iniciam por pequenas lesões deprimidas enegrecidas, formadas na casca remanescente do corte da sangria. Esse fungo é mais frequente nos primeiros anos de sangria. A partir do quinto ano de exploração não apresenta problemas graves.

O controle é feito com fungicidas específicos pincelados no painel de sangria, de acordo com as recomendações agrônômicas (GALBIATI NETO; GUGLIELMETTI, 2012).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados obtidos sobre a incidência de Fungo de Painel (***Ceraticystis fimbriata***) nas propriedades pesquisadas são apresentados através da Figura 1, a qual apresenta um número grande de propriedade com doença de painel. A análise mostra que as propriedades com baixa infestação são as que utilizam o controle com fungicidas recomendado pelos agrônomos. Outra recomendação para o controle da doença é a desinfecção das facas com água sanitária, no ato da sangria. Há sangradores que seguem as orientações para que não haja infestação do fungo, mas há também sangradores que não gostam de seguir essas recomendações pelo incômodo de andar com o cano de PVC junto ao corpo, e afirmam que isto atrapalha o rendimento da sangria. Observou-se que as sete propriedades com os maiores índices de infestação do Fungo de Painel são as que não utilizam a técnica de desinfecção com água sanitária. Este fato demonstra que o uso isolado de um dos métodos (somente aplicação de fungicida ou somente a desinfecção da faca) não é o suficiente. Para um combate eficaz é necessário combinar ambos.

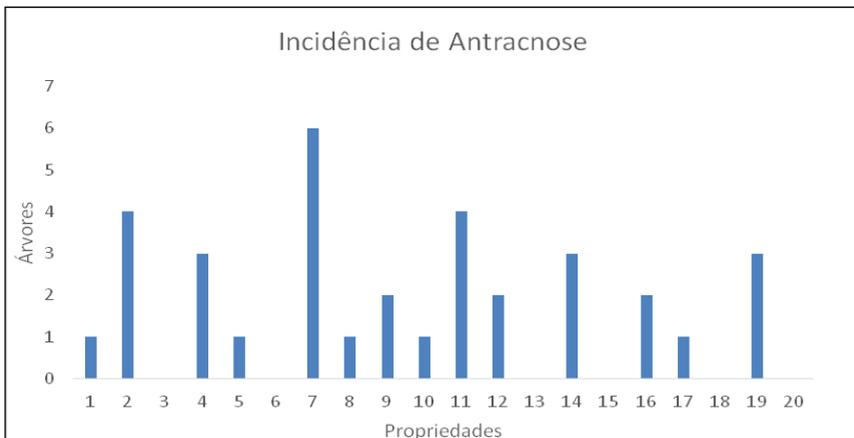


Fonte: Autores

Figura 1. A incidência de *Ceratocystis fimbriata* (Fungo de painel) em propriedades do município de Jales-SP

Através da Figura 2, observa-se os maiores índices de Antracnose nas propriedades N°2, 4, 7, 11, 14 e 19. Trata-se de seringais com dois anos de sangria e a forma de realizar o combate não é conforme orientações dos agrônomos. Entre um controle e outro, o intervalo recomendado é de 20 a 30 dias, porém foi observado em média 60 dias na maioria dos produtores. A raspagem do painel, também não é feita por exigir muito de tempo de serviço, prejudicando o controle da Antracnose.

Observou-se que nos seringais mais velhos há sequelas da doença, afetando sua produtividade.



Fonte: Autores

Figura 2. Quantidade de árvores infectada com Antracnose em propriedades do município de Jales-SP

Outra recomendação que a maioria dos produtores não segue, é em relação a abertura dos painéis, os quais, preferem abrir no período chuvoso para obter uma maior produção, consequentemente, tornando mais vulnerável a contaminação pela Antracnose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar alto índice de árvores contaminadas e improdutivas na maioria das propriedades pesquisadas, consequentemente, isto gera menor produtividade, o que proporciona menor rentabilidade ao produtor e também ao município.

Praticamente, metade dos produtores não seguem corretamente a recomendação para a utilização dos defensivos feita pelos agrônomos, não aplicando o produto no intervalo recomendado para o efetivo controle (abertura do painel até a manutenção dos seringais). Sendo assim a consequência é que o seringal fica vulnerável tornando-se um ambiente propício para que as doenças se instalem.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE PRODUTORES E BENEFICIADORES DE BORRACHA – APABOR. **Os números da borracha**. Disponível em: <<http://www.apabor.org.br/sitio/historia/numeros.htm>>. Acesso em: 8 maio 2014.
- FURTADO, E.L.; ALFENAS, A.C.; HARRINGTON, T.C.; BAKER, C. *Fusarium solani*, novo patógeno causando mofo cinzento em painel de seringueira, no Estado de São Paulo. **Fitopatologia Brasileira**, v. 26, p. 439, 2001.
- GALBIATI NETO, P.; GUGLIEMMETTI, L. C. **Heveicultura**: a cultura da seringueira. São José do Rio Preto: Grafisa Santos, 2012.
- INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS – IAC. **Programa seringueira**. 2012. Disponível em: <<http://www.iac.sp.gov.br/areasdepesquisa/seringueira/>>. Acesso em: 10 maio 2014.
- MARQUES, J. R. **Seringueira**. 2000. Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/radar/seringueira.htm>>. Acesso em: 10 maio 2014.